

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte. | PORTUGAL E COLONIAS | Franca de porte
Anno ou 24 numeros 25000 | Trimestre ou 6 numeros 8000
Semestre ou 12 numeros 15000 | N.º avulso ou pago à entrega 0120
ESTRANGEIRO UNICO GERAL DOS CORREIOS
Anno ou 24 numeros 35000 | Semestre ou 12 numeros 18500

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 27

1 DE FEVEREIRO 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LOURETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Africa, o Valle do Zambeze, ALBERTO CERVAES — As novas gravuras — Marrocos, Praça de Larache, Ruy da Camara — Actualidades scientificas, A lua será habitada? CAMILLO FLAMANION — Piloto João de Lisboa, BRITO REBELLO — Engrolla, Historia d'um desgraçado, ALBERTO BRAGA — Bibliographia.

GRAVURAS. — Moziatunya, (catharata Victoria de Livingstone no alto Zambeze — D. AALUO: Martins Manso, bispo da Guarda — Cachoeiras de Quebrabassa entre Tete e Zumbo no Rio Zambeze (região mineira concedida pelo governo portuguez ao sr. Paiva de

Andrada) — O general Espartero — O marquez de Pombal examinando a planta da reconstrução de Lisboa — O actor Taborda no drama «A Policia» — Marrocos, Praça de Larache — Mappas da lua — Enigma.

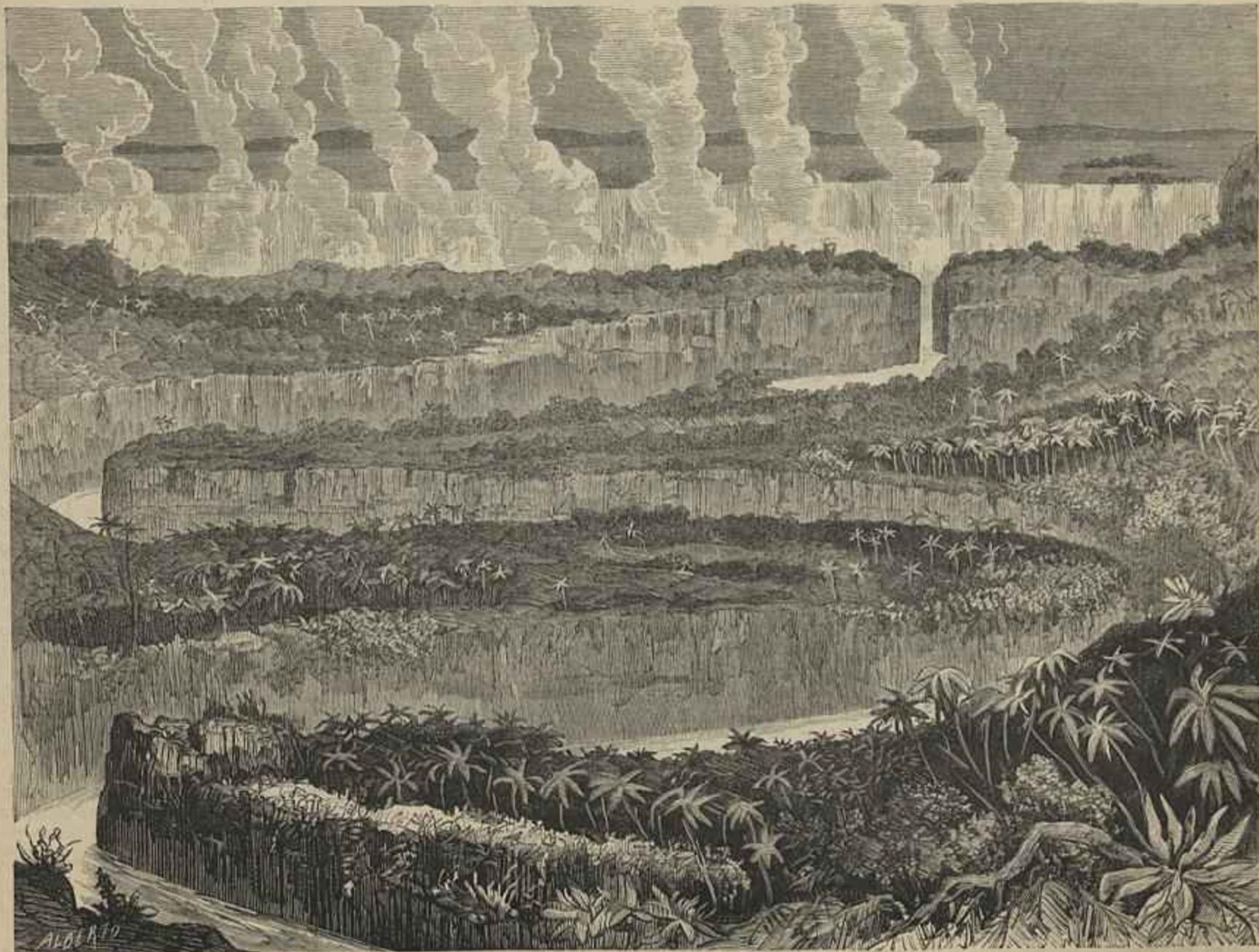
CHRONICA OCCIDENTAL

Depois do caso da Zambezia tivemos a questão de Bolór. Foi o ultimo desastre que nos aconteceu; além de nos dar o bolór, *darem-nos* em Bolór.

A patria, pela boca do sr. ministro da marinha, já convidou os seus filhos a irem á Guiné vingar a honra nacional ultrajada — a libra por cabeça. Por em quanto tem acudido pouca gente ao convite — o que parece impossivel ante uma promessa tão risonha! — e, se para completa desafronta dos brios portuguezes não lançar-mos mão de outro recurso menos economico, ha todas as probabilidades de que a desafronta não importe em muito mais de trinta libras.

Realmente, não se pôde lavar um lábaro na-

AFRICA PORTUGUEZA



MOZIATUNYA, (CATARACTA VICTORIA DE LIVINGSTONE) NO ALTO ZAMBEZE

cional ultrajado por alguns selvagens, com mais economia!

— O parlamento, antes de constituido, já esteve quasi a passar a vias de facto, chegando mesmo, n'um acesso de colera parlamentar, a pôr os chapéus na cabeça — no santuario da representação nacional, por causa da eleição de Cêa!

Por este facto d'exceptional descortezia pôde avaliar-se que genero d'espectaculos constitucionaes o theatro de S. Bento reserva aos amadores das galerias no decurso da sessão legislativa. Por que, no fim de contas, attenda bem o leitor; no fundo de todas as questões politicas ha um quasi nada de *cêa*, e ás vezes tambem de almoço e jantar; esta é que é a verdade. Ora quando unicamente por causa de *Cêa* se põem os chapéus na cabeça, que cousas espartosas se porão na meza da presidencia nas sessões proximas, por causa das outras... refeições!

— Perdão! o demonio tentador da politica, levando-me ao alto de S. Bento e mostrando-me a seus pés o risonho mundo legislador, seduz-me demasiadamente, de quando em quando! Confesso entretanto ao leitor que a minha mais ardente ambição não é saber o que pensa o sr. Carrilho dos destinos das sociedades, e que, se uma vez por outra, eu sacrificio um periodo a estes casos dignos d'Offenbach, é simplesmente por que a falta d'assumpto a isso me obriga. Pôde ao parlamento não faltar nunca o sr. Rocha Peixoto, tanto em Senior como em Junior, agora á chronica faltam quasi sempre *successos* tanto em primeira como em segunda mão: essa é que é a pura verdade.

— Depois do caso da Zambezia, o mais debatido foi certamente o da *Viagem á roda da Parvonia*, relatório do commendador Gil Vaz, representado no Gymnasio, n'uma das ultimas noites, das 8 ás 10; pateado das 10 á meia noite, e prohibido no governo civil á 1 da madrugada.

Com bem magna minha não vi a peça, parece impossivel! Quando me dispunha a tomar bilhete para a primeira recita estavam todos vendidos; quando me preparava para ir á segunda, a *Viagem á roda da Parvonia* tinha sido prohibida pelo sr. governador civil — por *immoral*!

Olha de que eu me livre! Se não é o sr. Camara Lemé estava eu agora completamente corrompido! Ia ao Gymnasio, muito contente da minha vida, julgando encontrar um narcotico em 4 actos para dormir um bom somno socegado das 8 ás 11 e meia, n'um camarote do fundo, e deparava com uma cousa parecida com qualquer ramo das instituições nacionaes! Sim, por que o sr. governador civil prohibindo a *Viagem á roda da Parvonia* por *immoral*, razões fortes teve de certo para isso; entendeu provavelmente, de si para si, que a peça copiava muito ao vivo os uzos e costumes da sociedade e da politica contemporanea! Não pôde ser outra cousa.

Nunca as mãos doam a s. ex.^a Em apanhando outra vez o commendador Gil Vaz a geito é dar-lhe para baixo. O governo civil não se fez para outra cousa. Não será mesmo mau uma dose de calabouço — por enquanto. Depois, no caso de reincidência, poder-se-ha então applicar uma medida um *quasi nada* mais energica — a guilhotina, por exemplo. No largo de S. Carlos deve ficar perfectamente esse agradável instrumento de supplicio e por isso tomo a liberdade de o lembrar á authoridade administrativa.

Tão formal condemnação d'uma peça, por *immoral*, faz nascer em mim a convicção de que o paiz vae finalmente entrar n'uma nova phase da sua desregrada existencia. Resta, é verdade, saber como devemos considerar a moral debaixo do ponto de vista do governo civil; todavia do que eu estou profundamente convencido é de que a policia se não limitará a proseguir unicamente Gil Vaz e os cambistas, isto é; a immoralidade sob a fórma de relatório no Gymnasio e sob o aspecto de cautelas da loteria d'Hispanha no Fonseca e no Campeão. Provavelmente a intenção da sr.^a policia é ir ao relatório do sr. ministro da fazenda,

manifestamente *immoral*, por prometter acabar com o *deficit* ha uns poucos de annos e apresentar de cada vez um *deficit* maior, e prohibi-lo tambem; prohibir egualmente todos os relatórios de todos os ministerios, tão massadores e tão immoraes como o do commendador Gil Vaz, com a differença de terem ainda menos grammatica, e prohibir finalmente muitas outras cousas, por que, sejamos justos, na verdade o paiz não apresenta ainda bastantes titulos para a canonisação, pelo simples facto de terem sido prohibidas as representações da *Viagem á roda da Parvonia*.

Em todo o caso, eu como chronista inclinado talvez um pouco ao peccado, dou os meus agradecimentos ao governo civil por me ter livrado de cahir n'aquelle precipicio em 4 actos posto imprudentemente em scena no theatro do Gymnasio! Se amanhã entrar no ceu, já sei a quem devo a minha salvação.

Naturalmente S. Pedro em eu batendo á porta pergunta-me:

— O que queres?

— Entrar no paraizo.

— Não pôde ser: assistis-te á representação da *Viagem á roda da Parvonia*.

— Não assisti, virtuoso apostolo. Não achei bilhete para a primeira recita, e o sr. governador civil prohibiu a peça antes da segunda.

— Então entra. Comtigo já são perto de quatro milhões de portuguezes salvos pelo meu collega que tem a chave do governo civil de Lisboa.

E Satanaz em baixo, no profundo abysmo, contorcendo-se em ancias de desespero.

— Ora, aquelle sr. governador civil! aquelle sr. governador civil! Já contava com quatro milhões de condemnados para a fogueira eterna, vae elle prohibe a *Parvonia* á segunda representação de fórma que não apanho cá senão cousa de seis centos, contando com a superior e com as familias das frizas e da 1.^a ordem!

É justo o resentimento de Satanaz, elle entretanto que se entenda com o ministerio do reino por que eu, pela parte que me diz respeito, tenho mais em que pensar.

— *Apontamentos d'um folhetinista*, é o titulo do ultimo livro de Julio Cesar Machado. Quando se falla d'um livro d'este author, não quinze dias antes d'elle apparecer á venda, mas sim quinze dias depois, as palavras do chronista, para os scepticos e para os indifferentes devem ser muito mais insuspeitas. Sobretudo perdem inteiramente o caracter d'uma recommendação em obsequio ao editor, isto pelo simples facto d'elle já ter vendido a edição; salvo se ainda suspeitam que a nossa generosidade vá até ao ponto de desejar que a obra se venda a rasão de duas edições por mez — o que não é crível.

Julio Cesar Machado deve este exito crescente a duas circumstancias muito simples: 1.^a a ser elle um escriptor de raça; 2.^a a ser ainda o primeiro folhetinista portuguez, o que entre nós empunha o sceptro d'este ramo das modernas litteraturas.

Em volta d'elle, varejados pelo tempo, que é a mais implacavel das meiralthas, têm baqueado trezentos luctadores, muitos dos quaes tiveram a celebridade d'um dia! elle porém permanece sempre firme, de pé, sem contestações e sem rivalidades, sendo o unico portuguez, escriptor, e mesmo sem ser escriptor, a respeito do qual não se tenha formulado a moderna interrogação — se pertence á *velha* ou á *nova* eschola?

Esta formula — a *velha* e a *nova* eschola, pela intenção com que por cá tem sido applicada, diga se de passagem, parece-me uma das muitas tolices que florescem no paiz por excellencia da laranjeira e d'outras plantas infelizmente muito menos aproveitaveis.

Julio Cesar Machado gosa o condão de ser querido d'ambas as *escholas* rivaes. A rasão d'isto parece-me muito simples; é elle escrever livros tão bons como este dos *Apontamentos d'um folhetinista*; tão reaes e tão verdadeiros, tão simples e tão honestos, tão elegantes e tão litterarios. Em todos conseguindo isto havemos de chegar a resolver o problema das

duas escholas que nos ultimos tempos, entre nós, tanto tem preocupado o Martinho.

— Nos theatros a mais recente novidade foi a primeira representação, no de D. Maria, II dos *Casamentos Burtardos*, versão da comedia de Pailleron, *Les faux menages*, pelo sr. Latino Coelho; esplendida versão como se comprehende que o seja quando se encarrega d'um trabalho de tal ordem o *stylista* que na nossa litteratura dispõe do colorido mais brilhante e mais iriado.

Do desempenho da peça fallaram quasi todos os jornaes, com restricções, chegando um d'elles a lembrar um conceito em verso feito em bons tempos que lá vão á nossa mais gloriosa — e hoje mais falta de memoria — actriz.

Senhora, não se revigam
Decreto da natureza.

Não significa isto, de certo, um conselho á nossa primeira gloria scenica, para que ella abandone o tablado. O sr. duque d'Avila e Bolama, por exemplo, é a sr.^a Emilia das Neves da politica, e todavia todos nós estamos d'accordo em que o machinismo constitucional precisa de s. ex.^a uma vez por outra.

— De resto annuncia-se em telegrammas que o Hercules Albertini, o famoso Hercules, o homem de mais extraordinaria força que tem apparecido no globo, surgirá brevemente em Lisboa. Bem vindo seja. O paiz está de tal fórma precitante que se não fór preciso suster os principios, será necessario, pelo menos, amparar as paredes. Nunca Hercules algum esteve a ponto de desempenhar um papel mais providencial de que esse que ahí vem agora escripturado para oito representações, e que forçadamente terá de cá ficar até ao fim da sessão legislativa.

GUILHERME D'AZEVEDO.

AFRICA

O VALLE DO ZAMBEZE

Portugal é ainda hoje, depois da Inglaterra, a primeira nação colonial. E, todavia, poucos povos serão mais ignorantes que os portuguezes, não só da geographia geral, mas ainda, especialmente, das condições, caracter e situação das terras que possuem como colonias.

Quando alguma vez os acontecimentos conseguem, pela sua importancia excepcional, lançar momentaneamente nas preocupações publicas algum dos territorios portuguezes do ultramar, ou quando a politica, mais por especulação que por zelo, trata ruidosamente qualquer questão colonial, a opinião publica agita-se alguns dias sem se illustrar, sem influir, por consequencia, com o peso de convicções formadas nos actos dos governos, e tudo volta á anterior indiferença, tendo todos ficado na mesma ignorancia.

Ha pouco ainda concedeu o governo portuguez ao sr. Paiva de Andrada, e ás Companhias que elle organisar, a posse das minas de ouro e de ferro de uma parte do valle do rio Zambeze, a posse das minas de carvão de pedra da bacia hydrographica do mesmo rio, o direito de exploração das florestas e a posse de 100:000 hectares de terrenos incultos da *região da Zambezia*:

Durante muitos dias os jornaes politicos fizeram d'esta concessão o assumpto unico e apaixonado dos seus periodos, dos seus ataques indignados, das suas defezas triumphantes. O povo deu-se ares de se reunir em *meetings* para illucidar a questão; a Camara dos Pares accumulou sobre ella os longos discursos dos seus membros e a attenção do publico curioso das suas galerias, e de tudo isto, afóra um dos taes discursos, felizmente o mais longo, — não nos parece que resultasse uma prova cabal de que sabem, quando menos, onde fica o Zambeze, as numerosas pessoas que tanto se preocuparam com a sua sorte.

O que é certo é que a ignorancia publica ficou a respeito da Africa portugueza no estado em que sempre esteve.

Tem os portuguezes percorrido esse grande

Continentes influindo notavelmente nas suas condições moraes; têm-n'o percorrido corajosos viajantes de quasi todas as nações e raças. De tudo isto o publico conhece, em Portugal, vagamente, apenas alguns nomes, sem ao mesmo tempo saber o que os homens que os usam ou usaram têm feito para a descoberta ou para a civilisação.

As viagens mais notaveis dos portuguezes, acham-se em parte publicadas em collecções officiaes, raras ou desconhecidas¹, sem edições populares.

As viagens estrangeiras, em francez, inglez ou allemão, muito caras nas edições originaes, não se traduzem nunca em portuguez. Todos hoje conhecem em Portugal o nome de Livingstone, de Stanley, de Cameron, mas raros terão lido as descripções das suas viagens nos territorios portuguezes d'África, as quaes são todavia, hoje, populares na Inglaterra, nos Estados Unidos, em França e na Alemanha.

Ha cerca de um anno, publicou-se em Inglaterra, com o titulo de *Atravéz do Continente negro*² a descripção da extraordinaria viagem em que o americano Stanley descobriu, por conta de dois jornaes, o curso, em grande parte desconhecido, do rio Congo ou Zaire. Esta obra que no original fórma dois grossos volumes de mais de 1:000 paginas, cheios de estampas e com dois mappas, foi immediatamente traduzido nas linguas de todas as nações da Europa com excepção da lingua portugueza.

Os srs. Sampson Low, Marston, Searle & Rivington em vão procuraram, em Portugal, um editor que quizesse encarregar-se da empreza. Qualquer de nós sendo editor faria o mesmo, porque muito bem sabemos que o publico não compraria, nem leria, em Portugal, a narração da espantosa viagem.

Fazei edições, mesmo luxuosas e caras, das viagens de Julio Verne; preveni os leitores de que vae ler uma coisa que nunca aconteceu, inteiramente imaginaria: e elle comprar-vol-as-ha. Dai-lhe porém verdade, mais espantosa, mais maravilhosa que toda e qualquer ficção, e o publico, — certo de que tudo que se acha n'um livro realmente aconteceu, — não o lerá.

Vamos tentar remediar esta falta. Não é da índole d'esta publicação, — nem seria das forças de quem escreve estas linhas, — apresentar longas descripções e estudos completos dos paizes onde Portugal tem colonias, e das regiões por onde essas colonias tendem, naturalmente, a dilatar-se. Procurar-se-ha porém dar uma impressão exacta, pitoresca e, — nos seus lineamentos mais salientes, — exacta, da geographia, das produções, dos recursos, do estado social d'esses immensos paizes onde ha tantos seculos influimos, que ha tantos annos colonisamos, sem, em geral, os conhecermos. As descripções que apresentarmos e os desenhos que dermos em gravuras serão sempre transcripções ou copias fieis, dos que os viajantes houverem feito do natural: n'isto consistirá o seu valor.

Começaremos pelo Valle do Zambeze, onde o governo portuguez acaba de fazer a maior concessão que, em nossos dias, se tem obtido para a exploração de uma colonia.

I

Nem o grande plan'alto que constitue o interior da Africa é muito elevado, nem a subida para elle é repentina e abrupta.

Ao sul de Marrocos, d'Algeria e de Tunes, e ao norte das colonias do Cabo da Boa Esperança, do Estado de Orange, da Transvaal, existem, debaixo dos tropicos, dois grandes desertos:

E' o primeiro o Sahara, com uma altura media de 488 metros acima do nivel do mar, queimado por um verão constante, sem chuvas, e com raros grupos de vegetação alimentada pelas aguas que estão no fundo das areias.

E' o segundo o Kalahari, a 600 ou 1:000 metros de altitude, com um periodo annual de chuvas incertas, com as suas steppes de gramineas asperas e rigidias, e os bosques e moitas de acacias espinhosas que vão, segundo parece, desaparecendo como os afluentes do Rio Orange ou Kai-Garib, e deixando, cada vez mais extensas, as areias e os depositos de calhaos estereis.

Sob o Equador as chuvas são copiosas, os lagos, largos como mares interiores, a 600 e a 1:200 metros de altitude, lançam de si os grandes rios do Continente: a vegetação é ali consideravel.

Mais ao norte e mais ao sul d'esta facha encontram-se duas zonas de transição:

Na do norte correm o Niger, muito a oeste, e os afluentes do Nilo, ao oriente; na do sul corre o Congo-Lualaba e o Zambeze-Liambai.

A 10 ou 12 graus ao sul do Equador, — entre Angola e Lunda, as aguas dividem-se em afluentes de dois rios: uns correm para o norte pelo Kassai ou Kassabé, — que se supõe ir entroncar com o Congo, — e os outros formam, correndo para o sul, o Liambai, chamado, mais abaixo, Zambeze. Do mesmo ponto parecem sair os dois rios para chegarem, em oppostas direcções, um ao Atlantico com o Congo; o outro ao mar das Indias com o Zambeze. Na estação das chuvas, as aguas que cobrem as grandes planicies pantanosas, em volta do lago Dilolo, confundem as duas origens.

O Zambeze segue depois para o sul pelo Valle de Barotse, a oeste do grande territorio de Lunda, e pelo paiz dos Makololo, formando como que um grande V irregular, cujo vertice toca no paralelo 18 e cuja aste da direita fórma um arco que se eleva até acima do paralelo 16 para novamente baixar a 18', entrando no mar: E' aqui que está Quillmane. No sitio mais elevado do arco existe o forte do Zumbo, que é considerado o ponto mais interior de efectiva posse portugueza na Africa oriental e junto ao vertice do V estão as cataractas de Moziaotunya que hoje apresentamos desenhadas.

Os arabes que habitam a Africa intertropical designam por dois nomes as duas formações vejetaes, que caracterizam esta região: *Khala* e *Ghabra*.

Ghabra significa a floresta, *Khala* significa a savana.

As florestas não tem, n'esta parte da Africa, o desenvolvimento das matas americanas, ou aziaticas. As savanas, — charnecas formadas de gramineas altas e fortes, — caracterizam, n'uma grande parte, o paiz, e alternam-se com os arvoredos, — em muitos pontos dispersos e em pequenos grupos, — occupando ellas os logares mais elevados ou mais seccos, ou tambem aquelles onde as agoas, sem escoante conveniente, alagam as terras por muito tempo.

As gramineas altas e exigentes de alimentação, — entre as quaes se encontra a canna de assucar silvestre, e muitas vezes tambem o algodoeiro arboreo, — que se vêem espessas nas margens do Zambeze, excluem, muitas vezes, qualquer outra planta. N'outros logares a secura e o calor produzem as moitas de acacias, cheias de órgãos espinhosos abortados, e as plantas que, como o *Helichrysum*, tem nas flores a estrutura resistente á evaporação das Perpetuas, ou os arbustos de folha coberta de algodão como o *Crozophora*, ou os vegetaes de órgãos subterraneos carnosos como as orchideas e as liliaceas, ou as plantas carnosas de folhas e caules cheios de succos.

As florestas da Africa não tem a variedade e a pujança das dos outros paizes equatoriales. Não é por isso tão difficil penetrar n'ellas quando as arvores são altas, nem tambem se reproduzem, quando destruidas, com a rapidez das do Brazil ou das de Java.

O *baobab* — a que os portuguezes chamam *imbondeiro*, e os botanicos *adansonia*, — caracteriza muito notavelmente a Africa central d'esde Angola até Moçambique e até ao norte do Kalahari. As palmeiras, o *dateb* ou *borassus* e o *doum* ou *hyphaena*, o *ficus*, a *teka* ou *oldfieldia* de preciosa madeira, a *kigelia* com frutos de 6 decimetros de comprimento e a *mu-*

ensete que tem as maiores folhas que se conhecem em arvores, abundam no valle do Zambeze, em massas relativamente pouco consideraveis, ou aos grupos, como já se disse, por entre as savanas.

Só no alto Liambai, ao norte do paralelo 12, se encontram as florestas espessas do clima equatorial.

E, por todo o valle do Zambeze, divagam, nas florestas, os elephantes e os rebanhos consideraveis dos antilopes.

A mosca dos elephantes ou tse-tse que os zoologos chamam *glossina morsitans*, ataca os bois e os cavallos e mata-os, principalmente no Zambeze central.

N'um paiz quasi virgem, cuja exploração se vae emprender, os rios são sobretudo estradas, — as mais economicas e convenientes vias de transporte. A navegação do Zambeze tem, em muitos pontos, como obstaculos importantes, as cachoeiras e cataractas.

A primeira que, ao subir da foz, interrompe a navegação, está situada a umas 30 milhas acima de Tete, e fica assim no centro da região cujas minas o governo portuguez concedeu ultimamente ao sr. Paiva de Andrada.

Os indigenas e os portuguezes chamam-lhe a cachoeira de Quebrabassa. Duas milhas a jusante d'ella, em Panda-Mokua, param já os barcos quando as agoas estão baixas.

Uma cordilheira de collinas que, n'esse ponto, atravessa o Zambeze, aperta o rio e, elevando-lhe o leito com rochas, obriga a agoa a saltal-as. A syenite e o granito, apresentam-se em grandes penedos deslocados, revolucionados, e polidos em muitos pontos pelo peso enorme e pela rapida corrente das agoas, no tempo das cheias. N'esta occasião porém, um barco a vapor poderia talvez passar sobre a cachoeira de Quebrabassa, sobre a seguinte de Morembus, e chegar assim até ao Zumbo, o outro dos dois pontos em volta dos quaes o sr. Paiva de Andrada vae pesquisar minas de ouro, de ferro e de carvão de pedra.

Acima do Zumbo ha ainda as cachoeiras de Niampanga, de Nucabele e de Cansala, quasi todas na confluencia de rios que veem das serras de Afura, nome que o padre João dos Santos supõe ser uma corrupção de Ophir, e d'onde por isso elle julga que se extrahia o finissimo ouro, — da qualidade do que ainda hoje ali existe — que se levava para o templo maravilhoso de Salomão.

Mas, o grande obstaculo e a grande maravilha será sempre *Moziaotunya*.

«Tens na tua terra fumo que produza sons?» perguntou a Livingstone, Sebituane, o chefe Mokololo, indicando as terras do poente.

Livingstone — que declara que nunca poz nomes aos logares que visitou nas suas viagens, — fez d'esta vez uma excepção e chamou a grande queda do Zambeze «a cataracta Victoria» *Victoria falls*. Mas os indigenas chamam-lhe mais natural e poeticamente «o fumo que ribomba» *Moziaotunya*.

Muitas milhas ao longe já se vêem grandes columnas como que de fumo, inclinadas na direcção do norte, alvissimas na base, e depois escurecendo até se confundirem com as nuvens, muito alto.

À primeira vista parece que o rio desaparece no interior da terra, por uma fenda ou bocca que tem cerca de 2 kilometros de larga, com tres metros apenas de abertura rasgada no basalto negro e duro. Depois vê-se que o rio, caíndo de uns 100 metros de altura, se precipita apertado n'uma garganta de 15 a 20 metros de largura por entre margens alcantiladas.

Por isso a agoa, caíndo pulverizada, branca como neve ou como algodão, em espaço tão apertado, se levanta até ao céu com um estrepito pavoroso, em grandes jactos ou columnas de 60 ou 90 metros de altura, condensando-se n'uma chuva constante que cae por entre o nevoeiro permanente.

Livingstone, que desenhou do natural o esboço sobre que se fez a copia que hoje apresentamos em gravura, diz que esta cataracta lhe offereceu o mais maravilhoso especta-

¹ *Annaes marítimos e colonias.*

Annaes do conselho ultramarino.

Boletim officinal do Governo geral de Angola.

O Mudo da Casimbe.

² *Through the dark Continent by Henry M. Stanley — London, Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, 1878, 2 vol.*

culo que elle presenciou em Africa.

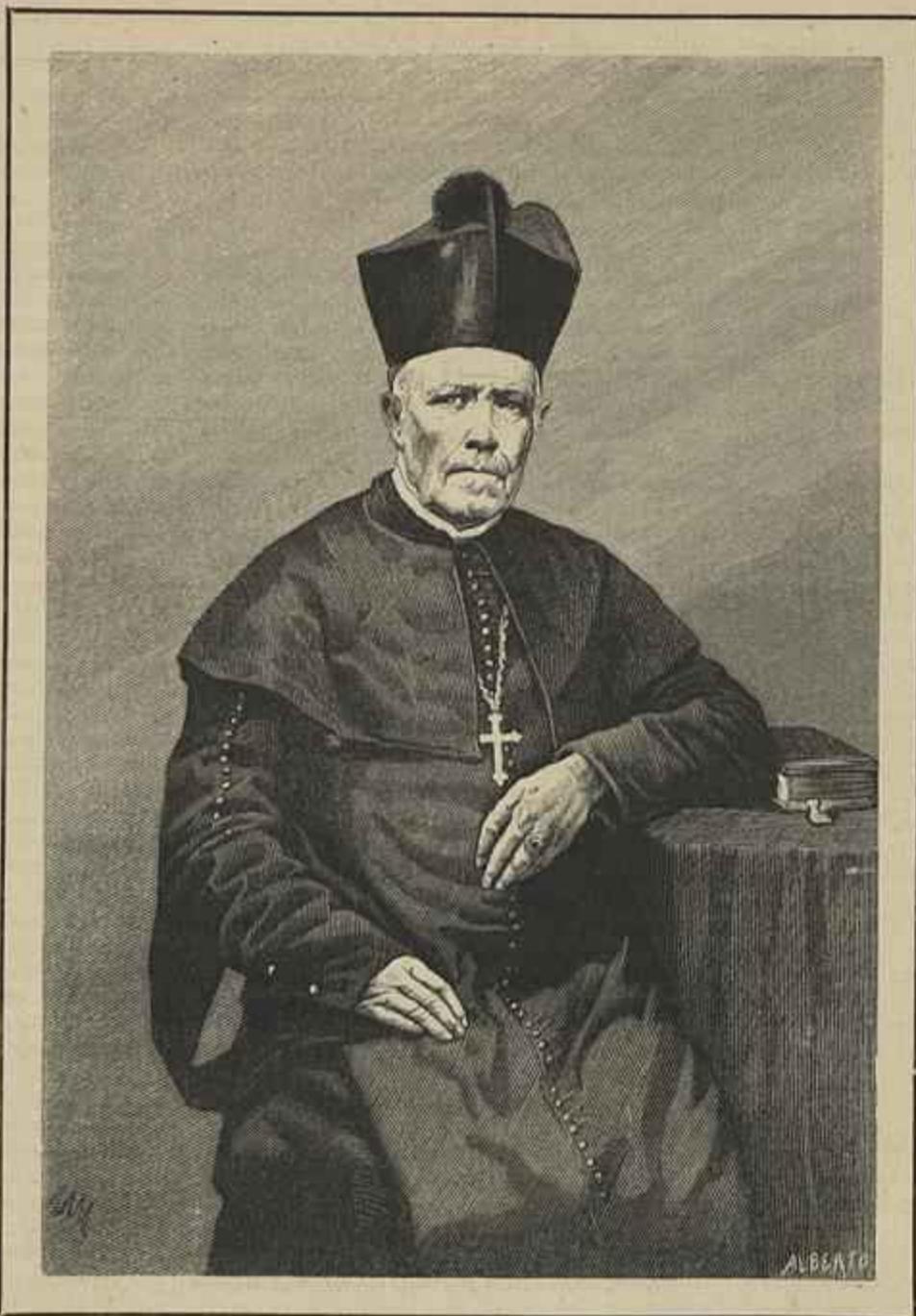
As margens estão n'este ponto cobertas de vegetações. As arvores que mais caracterisam a paysagem são o *Mohonono* de folhas prateadas, com os ramos horisontaes como os do cedro, e cuja casca doce os elephantes vem comer; o *Motsouri* ou *Mokononga* que tem a fórma do cypreste e a folhagem verde negra da laranjeira semeada de fructos cor de rosa, e os *Imbondeiros* enormes e brutaes nas suas fórmas, bracejando ramos grossissimos com folhas nas extremidades; junto dos grupos das palmeiras elegantes como o *Deleb*, ou das palmeiras enormes, como o *Doum*, deixando estas vegetações ver, a espaços, as manchas vermelhas e escuras do sólo.

Sobre uma das ilhas mais proximas á grande cataracta, tres chefes Batoca offereceram uma vez, conta Livingstone, sacrificios aos seus Deuses. O estampido immenso da queda enchia-os d'um terror sagrado; e julgavam vêr nos arcoiris coloridos, — que d'antes davam o nome ao logar, Chongue, e que a luz pinta constantemente no vapor alto da agoa, — as fórmas indecisas dos espiritos Barimo.

Alguns mormuravam, sem duvida tremendo: — *Mozi oa tunya! eo fumo sôa all!* — tomados das superstições que para elles encobrem as origens do rio mysterioso, de que os barqueiros cantam, navegando-o nas pirogas:

Ninguém sabe, do Liambat,
Nem donde vem, nem onde vae!

ALBERTO DE CERVAES.



D. MANUEL MARTINS MANSO, BISPO DA GUARDA E DECANO DOS PRELADOS PORTUGUEZES
(Fallecido em 1 de Dezembro de 1878. — Segundo uma photographia de Bertraud Dutrech.)

AS NOSSAS GRAVURAS

D. MANUEL MARTINS MANSO, BISPO DA GUARDA

O OCCIDENTE dá hoje o retracto d'um sacerdote exemplar, notavel pelo saber e pelas virtudes, D. Manuel Martins Manso, bispo da Guarda, decano dos prelados portuguezes, ha pouco fallecido.

A biographia d'um apostolo do Evangelho deve ser singella e simples como o proprio Evangelho. Do fallecido prelado diremos apenas que, nascido de paes humildes, em 21 de novembro de 1793, no concelho do Mogadouro, districto de Bragança, formou-se em canones na universidade de Coimbra em 1819, ordenando-se sacerdote em 1822, sendo nomeado vigario geral do bispado de Bragança em 1824, bispado em que serviu por differentes vezes de governador e vigario capitular.

Em 18 d'abril de 1849 foi eleito bispo do Funchal, sendo confirmado em consistorio de 28 de maio de 1850, e sagrado em 8 de dezembro do mesmo anno. Da se do Funchal foi em 1858 transferido para a da Guarda, em cuja cidade falleceu no primeiro de dezembro de 1878.

Foi longa a vida do venerando prelado. Nascido no anno terrivel da grande revolução, atravessou quasi todo o seculo XIX, cheio de serenidade apostolica no meio das contendas que tem assignalado a nossa época, entretido na sua missão de paz e de confraternidade, sem porventura dar pelas contendas politicas empenhadas em volta de si. Descendo a repousar no placido leito da morte teve por sua vez as benções dos povos que tantas vezes dirigiu com os seus conselhos, o que decerto constitue o epitaphio mais eloquente, e que melhor fica na campa d'um missionario da caridade christã.

Eis em poucas palavras o que foi o velho sacerdote, que desce á noite do sepulchro, sem deixar todavia de se erguer ainda como



CACHOEIRAS DE QUEBRABASSA, ENTRE TETE E ZUMBO NO RIO ZAMBEZE — (Região mineira concedida pelo governo portuguez ao sr. Paiva d'Andrada)

uma sombra veneranda na memoria dos povos.

Ao sr. conselheiro Telles de Vasconcellos deve o OCCIDENTE a obsequiosa fineza do retrato reproduzido nas suas columnas, bem como as indicações sobre que são traçadas estas ligeiras linhas biographicas.

O GENERAL ESPARTERO

Espartero representou n'este seculo um dos mais brilhantes papeis na península ibérica. Filho d'um modesto carpinteiro, nasceu em Granatula, na provincia de Cidade Real, no dia 27 de fevereiro de 1793. Como era dotado d'uma constituição debil, destinaram-no ao sacerdocio, indo, depois d'aprender as primeiras letras com um irmão padre, concluir os seus estudos na universidade d'Almagro. Em 1808 o patriotismo do futuro general, excitado pela invasão franceza, levou-o a assentar praça como voluntario, fazendo mais tarde parte do batalhão sagrado composto de estudantes da universidade. Frequentou depois a escola militar da ilha de León, d'onde saiu em 1814 com o posto d'alferes, partindo em seguida para a America na expedição do general Murillo. Assistiu ali a dezeseite batalhas, recebendo tres ferimentos, e em oito annos subiu d'alferes a brigadeiro. Em 1824 regressou a Europa. Foi um dos primeiros generaes que se declararam a favor da causa liberal, recebendo da rainha Christina, regente, a nomeação de commandante em chefe da Biscaya, sendo nomeado successivamente general em chefe do exercito do norte, marechal de campo, vice-rei da Navarra, capitão-general das provincias Vascongadas e conde de Luchana, por causa da victoria que obteve n'este lugar, seguida pela tomada de Bilbau.

Em 1837 adheriu á revolução liberal, e depois de uma serie de victorias obtidas contra os carlistas, a sua popularidade chegou a tal ponto que, tendo a rainha Christina abdicado a regencia, as cõrtes proclamaram em 1841 a regencia d'Espartero, então já duque da Victoria. Uma revolução triumphante dirigida por Narvaez expulsou-o em 1843 do poder, obrigando-o a refugiar-se na Inglaterra, donde voltou em 1847, retirando-se á vida particular.

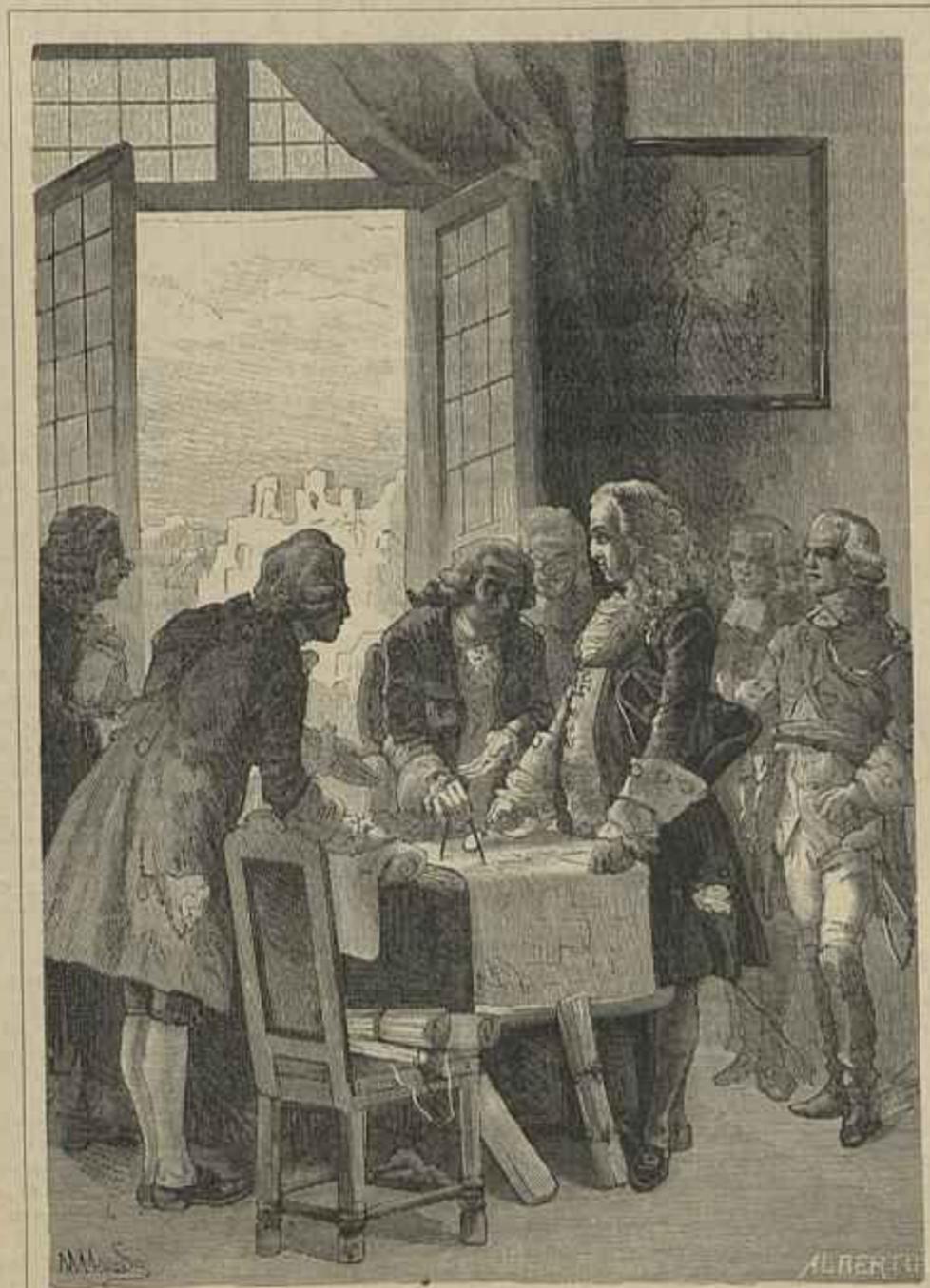
Em 1854, uma nova revolução chamou-o ao poder, que por dissidencias ministerias conservou pouco tempo, abandonando definitivamente os negocios em 1856, e indo viver para Logroño onde o encontrou a revolução de 1868, a que adheriu, recusando, todavia, voltar á vida publica. Em 1870, depois de falharem novas negociações, é ainda lembrado para o throno d'Hispanha, que recusa terminantemente, assistindo depois com indiferença á passagem dos diversos governos que se succederam no seu paiz, enviando, não obstante, a todos elles, cartas d'adhesão, que tão conhecidas foram na Europa.

Eis aqui a traços largos a biographia do homem que, sem qualidades excepcionaes, se elevou, filho d'um pobre capinteiro, a regente d'Hispanha, morrendo aos 87 annos, depois de ver as dynastias e a joven republica curvadas diante de si, cercado sempre d'um prestigio grandioso, accitando sem repugnancia todas as homenagens com excepção da corõa de Carlos V.

Foi esta, com certeza, uma das suas acções mais louvaveis e mais prudentes.



O GENERAL ESPARTERO — (Fallecido em Logroño, no dia 8 de janeiro de 1879)



O MARQUEZ DE POMBAL EXAMINANDO A PLANTA DA CONSTRUÇÃO DE LISBOA
(Gravura extrahida do 5.º vol. da Historia de Portugal — edição da Empresa Literaria de Lisboa.)

mico, o de João Regimbault no drama a Policia, sobresaem como um dos mais notaveis. N'este genero de creações altamente caracteristicas, o talento de Taborda não tem imitador. Fazer o inventario d'ellas seria agora inoportuno, quando de mais raro será o leitor que não tenha tido occasião de admirar e applaudir na scena, o mais popular dos actores portuguezes.

O drama a Policia é uma versão habilmente feita do drama *Le Parricide*, de Bellot, pelo sr. Salvador Marques. Bastaria a interptração do pequeno papel desempenhado por Taborda para o assignalar como uma das melhores peças que nas ultimas épocas tem subido á scena no theatro portuguez.

MARROCOS

PRAÇA DE LARACHE

De todas as praças das cidades do imperio, é sem duvida a de Larache a mais typica e mais bonita, por ser rodeada de pequenos e elegantes porticos, sustidos por columnas de pedra que lhe dão um aspecto verdadeiramente arabe. Esta praça serve de mercado, ou *soko*, como lhe chamam os mouros.

Ali se vendem os productos do paiz, principalmente carcaes e pelles de cabra, que constituem um ramo importante de commercio, na Barbaria.

É nos dias de mercado que esta praça offerece aos estrangeiros viajantes uma exposição cheia de novidade, pelo agrupamento dos mouros, judeus e arabes, que, encostados áquellas arcadas, tratam os seus negocios com os agentes europeus, em quanto os seus camellos deitados, ao redor de uma *gilaba*, ou gabão, devoram com todo o proposito um montão de cevada.

Os artistas aproveitam então, com maximo cuidado, aquelles grupos originaes, que são o assumpto dos seus quadros mais cheios d'interesse, quando os expõem nas salas de pintura, nos paizes artisticos da Europa.

Larache está situada na margem esquerda do rio Luccos, e é tão bella n'a sua posição e tão agradaveis os seus arredores, que os arabes chamaram-n'a — *Al-Araizes Beni-A-ros*—que quer dizer, jardim da tribu de Beni-A-ros, que povõa uma grande parte da provincia de Azgar, de que esta cidade é capital.

É pouco extensa: a sua população é de 9:000 habitantes, sendo 4:500, judeus que vivem em 600 casas, situadas no declive de um alto monte que se estende até ao mar. Ao pé d'este monte está a desembocadura do rio Luccos, que fórma um porto de difficil entrada. Em 1860 foi bombardeada pela esquadra hespanhola que lhe deixou em ruinas as suas fortificações.

Fundada pelos Bereberes em época remotissima, pertenceu successivamente aos romanos, gregos, e depois aos arabes, conservando-a estes até ao anno de 1504, em que os portuguezes se apoderaram d'ella por surpresa. De pouca dura foi o nosso dominio, pois não podendo, ou não sabendo defender uma conquista tão facil, quanto importante, perdemos tudo n'aquella parte d'Africa, decerto a mais valiosa para nós, pela sua situação, pelo seu clima, e pelo seu solo fertilissimo.

RUY DA CAMARA.

TABORDA NO DRAMA 'A POLICIA'

Na vasta galeria de typos creados pelo nosso primeiro actor co-

ACTUALIDADES CIENTIFICAS

A LUA SERÁ HABITADA?

(Continuação)

O unico meio que temos para formar uma opinião exacta do estado do mundo lunar é observar cuidadosamente e desenhá-lo em separado certas regiões, depois comparar, d'anno para anno, estes desenhos com a realidade, levando em linha de conta a differença dos instrumentos empregados. É preciso tambem attender á differença da luz, segundo a altura do sol, pois que quanto mais este fór obliquo, mais visíveis serão os relevos do terreno. É necessario ainda ponderar que a differença do poder visual do observador pôde fazer variar o aspecto da cousa observada, podendo influir tambem egualmente a transparencia da atmosphera.

Ora, este methodo critico, applicado ha alguns annos a esta parte, não confirma a hypothese de que o mundo lunar seja um mundo morto. Demonstra, ao contrario, que varias revoluções geologicas e mesmo meteorologicas, se realisam ainda á superficie do nosso satellite.

Um vulcão maior do que o Vesúvio se formou, ou pelo menos augmentou de maneira a tornar-se visível, no decurso do anno de 1875, no meio d'uma paisagem bastante conhecida dos selenographos. Quando a luz chega á sua primeira phase, o sol começa a esclarecer a superficie do mar dos Vapores, região situada no centro do disco lunar. Notam-se ali bastantes crateras famosas entre as quaes duas que receberam os nomes de Agrippa e Ukert. Em volta de cada uma d'ellas o terreno desce em declive, e uma planicie se estende de permisso. Distingue-se ao longo d'essa planicie uma especie de rio, cortado quasi a meio caminho por uma pequena cratera denominada Hyginus. Bastantes vezes tenho observado esta curiosa região do mundo lunar, fazendo á vista d'ella um grande numero de desenhos, dos quaes os mais completos são de 31 de julho de 1873, 1 d'agosto, 29 d'outubro, 27 de novembro do mesmo anno e 21 d'abril de 1874. Ora ao noroeste da cratera Hyginus nenhum dos astrónomos que tem observado e desenhado esta região, haviam jámais visto e descripto um circulo de 1:500 metros de diametro que ali se apresenta agora muito visível, e que um dos nossos mais laboriosos selenographos contemporaneos, M. J. Klein, de Colonia, observou pela vez primeira, em 19 de maio de 1876. Não ter visto uma cousa, mesmo observando o lugar aonde ella podia estar, não prova que a cousa não existisse; mas quando os observadores tem sido muitos e cautelosos, e quando o objecto se patenteia claramente, não podemos duvidar. É este o caso do novo circulo que é hoje o mais vasto da região Hyginus, depois d'esta cratera.

Ha cincoenta annos que os mais cuidadosos observadores, principalmente Beer e Mädler, Lohrmann, Schmidt, Neison, tem examinado e desenhado esta região com a maior cautela sem nada haverem notado de particular no ponto indicado. Demais, uma larga montanha em caracol que se vê ao norte de Hyginus, apresenta hoje um valle extremamente visível, que aliás não existia ainda ha alguns annos.

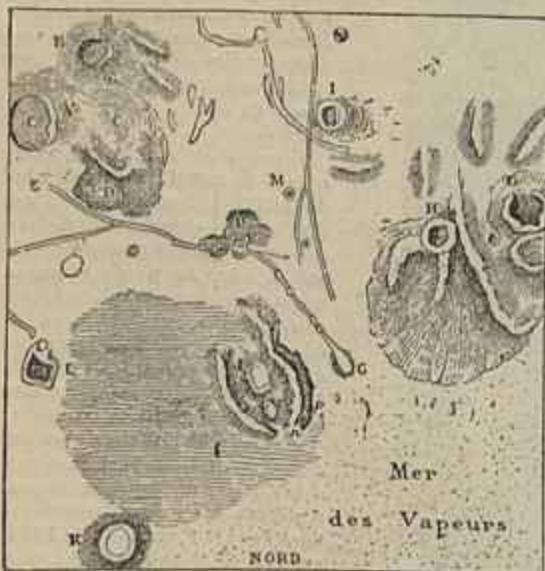


Fig. 1. — Regiões d'Hyginus, segundo as observações de M. Flammarion, no mez d'Agosto de 1873.

A, Monte Agrippa. — B, Monte Godin. — C, Terrenos em declive. — D, Região pardacenta. — E, Circulo d'Hyginus. — F, G, Sulco d'Hyginus. — H, Monte Ukert. — I, Monte Trivanecker. — J, Montanha em caracol. — K, Monte Mautilus. — L, Circulo quasi desfeito. — m, n, Grande collina. — p, q, Valle bastante profundo.

Ha em Inglaterra uma sociedade cujos membros juram fidelidade á lua, promettendo não se esquecer d'ella uma só vez; é a *Selenographical Society*. Esta sociedade apressou-se em publicar no seu jornal selenogra-

phico os esclarecimentos dados pelo professor Klein, e as observações que confirmam a sua descoberta. Pela minha parte, como sempre o disse, ainda que eu não tenha feito do nosso satellite o objecto exclusivo das minhas observações, tenho passado bastantes noites a estudar com o telescópio a sua curiosa topographia, e entre outros, só em 1873, fiz cerca de trinta desenhos do valle d'Hyginus que chamou sempre a minha attenção (vidé *Les Terres du Ciel*, pagina 322). Ora não posso reconhecer sobre nenhum d'estes desenhos a nova cratera, em quanto que com o auxilio do mesmo instrumento a distingui perfeitamente em 4 de setembro ultimo.

Assim, depois d'este conjunto d'observações pôde affirmar-se que este vulcão é de formação recente.

Ah! de que os nossos leitores possam conhecer a região da lua aonde o vulcão acaba de apparecer, publicamos conjuntamente duas cartas d'esta região.

A primeira é a reprodução dos desenhos que eu proprio executei no mez d'agosto de 1873, precisamente sobre esta curiosa zona. Nota-se ali particularmente o longo sulco que, semelhante a um rio, se estende dos arredores da montanha A até á especie de valle pouco profundo, que dá idéa d'um lago ao pé das ultimas vertentes da montanha H. Ainda que em mais de trinta observações eu tenha examinado cuidadosamente os arredores da montanha I, em forma de caracol, nunca percebi nenhum indicio da nova cratera. Esta nova cratera é visível na carta n.º 2, devida ao astrónomo J. Klein, de Colonia. A differença dos nossos dois desenhos mostra, ao mesmo tempo, que não nos devemos sempre fiar em taes differenças, para admitir que ellas são reaes, pois que é preciso levar em linha de conta não só os instrumentos empregados pelos diversos observadores, mas ainda a sua propria vista, a sua maneira de ver e mesmo d'interpretar o que veem. Se existissem apenas dois observadores, o testemunho da sua divergencia não seria bastante. Mas, como vimos, os testemunhos de todos os astrónomos que se tem occupado da lua são unanimes em admitir que a nova cratera não existia antes de 1876.

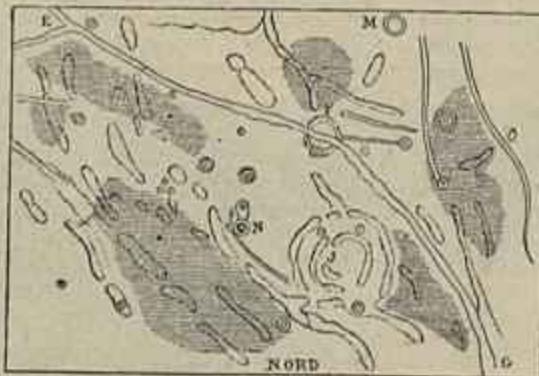


Fig. 2. — Regiões d'Hyginus, segundo as observações de M. Klein, no mez de maio de 1876.

F, Circulo d'Hyginus. — E, F, G, Sulco d'Hyginus. — J, Montanha em caracol. — N, Nova cratera.

Não é esse o unico exemplo das alterações que se dão actualmente n'este mundo visinho.

O astro solitario das noites, cujo solo apparece no campo telescópico caracterizado como o da terra por montanhas e valles, e sobretudo crivado de milhares de crateras de todos os tamanhos, rodadas das suas lavas accumuladas e de gigantescas trincheiras; este pallido e silencioso astro que parece adormecido nos ceus durante o somno da natureza terrestre, não é uma terra morta rolando sepultada na eterna noite. Temos observado que os mais poderosos augmentos praticos dos admiráveis instrumentos da optica moderna não excedem a 1:000 ou 1:200 applicados á lua, e por consequencia não a approximam mais de 96 ou 80 leguas, e que, mesmo em condições de pureza atmospherica, nunca se poderia approximá-la a menos de 48 leguas da nossa vista. Ora, a uma tal distancia, é não sómente impossivel distinguir os habitantes d'um mundo, mas ainda as obras materiaes d'estes mesmos habitantes; estradas, canaes, aldeias, cidades populosas, tudo ficaria occulto por demasiadamente afastado. Tiram-se, é verdade, admiráveis photographias da lua, e estas photographias possuem no estado confuso tudo o que existe á superficie do astro. Se existem na lua habitantes, elles ali estão certamente na photographia com os seus trabalhos, as suas habitações, as suas culturas, os seus edificios, as suas cidades. Sim, elles ali estão! e é difficil furtar-se a gente a uma certa emoção quando pegamos n'uma d'estas photographias pensando que os habitantes da lua estão diante de nossos olhos, (se porventura existem) e que bastaria um augmento sufficiente das imagens para os poder observar da mesma forma que se observa ao microscópio a estranha população d'uma gota d'agua! Desgraçadamente estas photographias, com quanto admiráveis, não são perfeitas; engrandecem-se um pouco, cinco, seis, dez vezes, mas engrandece-se ao mesmo tempo o grão de colóidio e os defeitos da imagem, tornando-se tudo vago e diffuso, menos util e menos agradável á analyse, do que o c'ché

primitivo. Nós não podemos, pois, senão restringirmo-nos a estudar com cuidado os mais pequenos detalhes visíveis de certas regiões lunares, a desenhá-los tão exactamente quanto possível, a observá-los d'anno para anno, e a contestar as variações, mudanças ou movimentos que ali se produzam porventura. Pois muito bem; como vemos, este methodo acaba de revelar a formação d'um vulcão novo, maior do que o Vesúvio, ao norte do longo valle d'Hyginus; formou-se, ou pelo menos engrandeceu de maneira a tornar-se visível, no decurso do anno de 1875. A terra, vista á mesma distancia, não patentearia mais claramente do que a lua, provas dos movimentos que se realisam na sua superficie. A excepção das nuvens, tão consideráveis e tão frequentes na nossa pesada e sombria atmosphera, tão raras e sem duvida tão leves na atmosphera etherea do nosso satellite, o nosso proprio globo, tão palpitante e tão agitado, não mostraria melhor do que a lua os indicios da vida de que é dotado. Examinemos pois em separado os factos observados pela vista perseverante dos astrónomos, e discutamos-lhe livremente os resultados.

(Continúa.)

CAMILLO FLAMMARION.

O PILOTO JOÃO DE LISBOA

(Continuação do numero antecedente)

Temos apoiado sempre as nossas conjecturas nos dados officiaes que nos ministram os documentos, por nós transcriptos das chancelarias reaes, e por isso supponho, o mais razoavelmente possível, que João de Lisboa partira para a Índia na monção de 1523.

A partida das armadas para o nosso imperio oriental effectuava-se regularmente de abril a agosto, o que fazia com que, ás vezes, algumas das naus não podessem vingar á Índia, tivessem de invernar na costa oriental d'África, ou arribar a alguns pontos da costa occidental, aos Açores, Madeira, e um grande numero de vezes ao reino.

Entre a ida e o regresso mediava ordinariamente dezoito mezes pouco mais ou menos, pois achamos mencionada como uma viagem rapida a de uma nau, que foi e veiu em quinze mezes.

Assim se João de Lisboa partiu para a Índia em abril ou maio de 1523, na armada de D. Antonio d'Almada, como conjecturámos, devia estar de volta ao reino pelos fins de 1524. Effectivamente durante esse tempo não temos noticia alguma do nosso piloto, vindo só a encontrar o seu nome, quando, em 12 de janeiro de 1525, el-rei D. João III o nomeia *piloto-mór da navegação da Índia e mar Oceano*, como consta do documento seguinte:

Dom johan etc. A quantos esta minha carta vyrem foy saber que avendo eu respeito ao muyto serviço que johan de lisboa meu pyloto me tem feito asy nas armadas em que té ora foy como na navegação das partes da india e outras cousas em que foy cocaregado por meu serviço e em que de u d' sy sempre verdadeyra conta e bõ recado e porque espero que ao diamte asy a deo querendolho fazer graça e merçee tenha por bem e o dou ora daquy em diante por meu pyloto mor da dita navegação das partes da india e mar oceano asy e na maneyra e com aquelles privilegios lyberdades e franquezas com que ho sam e deum ter os meus pylotos mores e ho era gonalgo almarca que se fuaon e prazme por fazer merçee ao dito johan de lisboa que ele tenha e aja de my de temça em cada hun ano de janeiro desta era presente de bº xxb em diamte dez mill reis e mando aos teedores da minha fazenda que lhos facam assentar em os meus livros della e dar carta dellas cada ano pera luyr onde lhe sejam bem paguos e bem asy mando ao meu almirante da india capitães corregedores juizes e justicias officiaes e personas outras a que esta minha carta for mostrada e o conhecimento della pertencer que ajon asy daquy em diante o dito johan de lisboa por meu pyloto mor da dita navegação e mar oceano e dar carta em as ditas onras e lyberdades que lhe dyreitamente devem ser compridas e guar ladas sem duvida sem embargo algum que a ello se ja posto porque asy he minha merçee e por certidam e firmeza e syrmeza dar esta por my asynada e asselada com o meu selo pend nte o qual johan de lisboa jur u na minha chancelaria aos santos avingelhos que bem e verdadeiramente syrna o dito officio cargo guardando em tolo meu serviço Dada em euora a x ij dias de janeiro manuel de moura a fº ano de mill bº xxb años E eu gracia de Resenda a fº escrever.

Lic. 8.º de D. João III. fl. 11 v.º

Este documento é importantíssimo pelas notícias que nos dá. Por elle se prova a morte recente do piloto-mór Gonçalo Alvares, provão-se mais os muitos serviços de João de Lisboa não só nas armadas da Índia, mas ainda em outras em que até então tinha andado e navegado, e bem assim que foi encarregado de outros serviços, de que sempre deu verdadeira conta e bom recado, e por todos estes motivos é, não só nomeado piloto-mór, mas agraciado com dez mil réis de tença, cuja importância vimos já no decurso d'este estudo corresponder hoje a cincoenta e tres mil réis pouco mais ou menos. Não podemos verificar se todas as outras tenças se accumulavam com esta, mas parece-nos que não; é porém natural que vencesse os dezoito mil réis concedidos por D. Manuel, nas duas cartas de 18 de maio de 1518 e 9 de setembro de 1519, com mais quatro concedidos na carta de D. João III de 6 de fevereiro de 1523, cessando provavelmente o vencimento de patrão-mór da navegação da Índia, cuja nomeação fôra feita por carta de 11 de dezembro de 1522 segundo a nossa conjectura, ou de 1521, segundo a data errada do registo. Todas as tenças anteriores menos esta, montam a 228000 réis que juntos a 108000 do cargo de piloto-mór da navegação da Índia, perfazem 328000 réis, correspondentes hoje a 1708000 réis aproximadamente.

Terminam n'esta ultima carta as noticias officiaes que nos ministram as chancellarias dos nossos reis, e que indisputavelmente se referem ao nosso piloto João de Lisboa. Não sabemos verdadeiramente se João de Lisboa foi sempre piloto, se desde os seus tenros annos se dedicou áquella profissão, ou se depois de adquirida alguma instrução solida, e haver exercido algum cargo na nossa Africa, se sentiu inclinado á vida marítima, e a ella se deu. São incertas taes noticias, mas n'aquelle periodo quasi todos os nossos homens que saíam da patria, eram, por necessidade, mais ou menos marítimos, e não raro qualquer armador, ou negociante se convertia em mareante, e se fazia piloto, ou capitão de qualquer navio, ainda até dos do estado, como se pôde verificar nas listas das armadas. Portanto como qualquer das hypotheses se pôde ter dado com o nosso piloto, e o seu nome se presta a muitas confusões, não deixaremos de apontar o que mais encontramos nas chancellarias reaes com relação ao nome de João de Lisboa, embora alguns d'esses documentos não possam applicar-se ao nosso piloto, como dizemos.

Assim vemos em primeiro logar a fl. 73 v.º do liv. 6.º da chancellaria de D. Manuel uma carta de 8 de abril de 1502 confirmando os privilegios concedidos por outra de D. Alfonso v de 18 de outubro de 1474, isentando João de Lisboa, alfaiate, morador na cidade da Guarda, de pagar peitas, fintas, talhas, pedidos, serviços, etc.; — esta não pôde ter applicação ao nosso piloto.

(Continúa)

BRITO REBELLO.

O ENROLLA

(HISTORIA D'UM DESGRAÇADO)

A gente que conhecesse o *Engrolla* embirrava logo com elle; e, como toda a gente lá da freguezia o conhecia, toda a gente da freguezia lhe queria mal.

Era sestro, coitado do pobre!

A sociedade é muito egoista: ali é que vae a historia.

A nossa santa religião catholica a ordenar que se mate a fome, que se apague a sede, que se vistam nus, que se enterrem mortos *et caetera, et caetera*: e o homem, que se diz christão limpo e escoreito, deixa morrer o proximo de fome, deixa-o estallar de sede, deixa-o andar nu — que é uma indecência! — ao léo, como o nosso pae Adão, e até, para cumulo de injustiças, embirra com o que enterra os mortos! Olhem que já é ser mau!

O *Engrolla* era coveiro; e por ser coveiro é que toda a gente, quando o via, lhe deitava um olho, como se elle fosse a morte em pessoa! E não pensem que o *Engrolla* fosse para ali um devasso, um maroto, como não ha outro! Qual! O unico vicio que elle tinha aos olhos do mundo era ser o coveiro; de resto, era, como se costuma dizer, um pobre homem.

Elle não era borracho, elle não era desordeiro, elle não batia na sua mulher, elle não pregava o seu callote, elle não jogava, como outros, que jogavam a menina dos olhos, elle não murmurava da vida alheia, elle ia á missa aos domingos e festas de guarda, ia á desobriga pela paschoa da ressurreição, ia á sagrada meza da communhão, enfim, cumpria com os preceitos. Pois parece que toda a gente lhe perdoava que bebesse como um odre, que malhasse na mulher como em sentieiro verde, que jogasse até a alma, que ferrasse cão de meia noite, que não fosse á missa, que fosse um hereje; mas, agora, que enterrasse os mortos?!... Isso lá, mais devagar!

— Mas, meus senhores, alto lá; é preciso que alguém seja o coveiro.

— Ora adeus! Se não diz mais nada, isso já cá se sabia.

Pois um homem, depois de morto, havia de ser lançado para um monte, e havia de ali ficar de barriga ao ar, a apodrecer, como um cão tihoso, a ser o pasto dos bichos!? Deus nos livre de tal! E até mesmo, porque lá está a *Cartilha* a pregar: *Obras de Misericórdia* — 7.º, *enterrar os mortos*. Já se sabia tudo isso, e sabia-se tudo isso muito bem, mas... É coveiro? Arreda! É como se fosse um carrasco.

E depois, quando se ouve toda a gente dizer mal d'um homem, ainda que se não conheçam os defeitos, principia-se logo por se lhe embirrar com a cara. Isto acontece quasi sempre.

E a cara do *Engrolla*, por mal dos seus peccados, era uma cara agoirenta: parecia um epitaphio! Os olhos verdes e pequeninos muito encovados, as maçias do rosto proeminentes e descarnadas, o nariz adunco, os labios finos e descórados, o queixo muito saliente, e todo elle muito magro, muito chupado, e até como padecia de flato, e estava sempre rô, rô, rô, parecia que tinha lá por dentro vinte corujas a sugarem-lhe a gordura do corpo! Parecia um môcho! Não, que uma cara assim, só talhada n'um cemitério! Cruzes!

As mães embirravam com elle, porque, quando vinham as bexigas ou o sarampo, a morte ia dizimando nas creancinhas; e, como era o *Engrolla* que as enterrava, tinham-no quasi como um cúmplice na morte dos filhos. Quando elle passava, ellas, que estavam sentadas na soleira do cazebre, exclamavam logo:

— Olha quem ali vem! Sume-te!

— Quem é? perguntava o pequeno.

— É' o homem que enterra a gente, meu filho.

A creança principiava a olhal-o com pavor.

— Foi elle quem enterrou o João, quando veio a camada das bexigas, no maio?

— Foi, sim; foi elle quem fez a cova, e o deitou lá dentro, e o cobriu com a terra — explicára a mãe contristada.

Ora digam lá como o pequenito havia de gostar do coveiro!

E elle já se resignava com a malquerença do publico. Que remedio tinha!

Coitado! Ao romper da manhã, sahia de casa, com a enxada ao hombro, todo avergado para a terra, talvez do uso do officio, muito triste e callado. Chegava ao cemitério solitario, e ia pelos caminhos menos concorridos. Se tinha que enterrar alguém, enterrava; senão, tratava da remossão das ossadas, da limpeza das sepulturas, etc., etc. E tão mal lhe queriam os vivos, que o pobre do homem quasi se sentia bem deante dos mortos. Não, que esses, ao menos, não lhe diziam chufas!

A antipathia que o *Engrolla* inspirava ia passando de mães a filhos. Aquellas limitavam-se a apontal-o como um emissario da morte; elles, porém, os filhos, assim que chegavam a certa idade eram mais insolfridos. Quando acontecia

ter o *Engrolla* de passar pela aula regia, se era á hora em que a pequenada sahia, era um inferno!

— O' *Engrolla*!

— O' Coruja!

— O' Coveiro!

E iam apupando sempre, entoando em côro ao som arrastado do canto-chão, e com voz de baixo profundo:

Engrolla, Engrolla
Deita a cova.
Seis vintens p'ra vinho,
Van'o-nos embora.

E, no fim, se o homem seguia o seu caminho, sem dar cavaco, então, para despedida, era um chuvaire de pedras a zunir em volta d'elle!

Pouca gente sabia ao certo onde morava o *Engrolla*. Tinha vindo para ali de uma outra terra; e, era voz corrente, que viera de lá corrido pela troça. E tanto, que a alcunha já a trazia de longe. Soube-se de uma vez, na feira, e foi dita por um morgadete trocista, que o descobriu de enxada ao hombro, em caminho do cemitério. E a alcunha pegou, como se fosse a pedra e cal.

O homem morava fóra do centro do povoado, n'uma casinholla, que ficava no sopé de um monte, á beira d'um riacho. Com elle vivia uma rapariga, e bonita que ella era! a qual uns diziam ser criada e outros sobrinha! Nem que o *Engrolla* fosse o sr. abbade! E não seria filha? Isso sim! Nem a tiro aquella gente o acreditava! Filha!? O coveiro era lá capaz de ter uma filha e bonita! Pois quer queiram, quer não, a moça era filha; que lh'o digo eu.

A mãe tinha morrido de maleitas havia já muitos annos. Ora a filha, que se chamava Angelica, era toda a alegria que o velhote tinha n'este mundo; e era ella tambem a unica pessoa que via o *Engrolla* com bons olhos, com olhos de filha extremosa. Era Angelica para o *Engrolla*, o mesmo que era *Deu*, a céguinha, para Gwinplaine, o homem que ri. Como elle soubesse a birra que toda a gente lhe tinha, para que a filha não participasse d'ella, quasi que escondia Angelica do mundo. Levava-a, aos domingos, á primeira missa, ainda de noite; e, nos dias de descanso, passavam ambos a conversar n'um quinteiro plantado d'horta, que a casa tinha, e onde ninguem os via.

Ninguem suppunha que thesouro precioso estava dentro d'aquelle peito! Que santo amor elle consagrava á filha! Com que meiguice lhe fallava e com que contentamento a ouvia! E quanto mais os extranhos o repelliam, mais elle concentrava no amor de pae todo o affecto do seu coração.

Ora parece que d'uma vez até o ceo se conspirou contra elle — Deus me perdõe a heresia!

Regressava um dia a casa; e, quando esperava encontrar, como de costume, a sua Angelica a costurar ao postigo, notou que o postigo estava meio cerrado!

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Alfayate mal vestido, sapateiro mal calçado.

A rapariga era tão fraquinha! E queixa-se de uma palpitação!

Deu-se pressa em chegar á porta, correu a aldraba; e apenas entrou, foi logo ter com a filha, que estava deitada na cama.

— Estou muito mal — respondeu ella afflicta — estou muito mal.

— Tu que tens, Angelica? — perguntou elle a tremer.

— Mas o que te doe, Angelica? — perguntava o desgraçado, apertando nas suas a mão da filha — o que te dóe?

— E' aqui — disse ella, indicando o lado esquerdo do peito — é aqui! Ai! Jesus! Eu morro, meu pae!

E ergueu-se de golpe, muito angustiada, suffocada, fixou os olhos no pae, deixou pender a cabeça nos hombros d'elle, estremeceu e expirou!

Que tortura a d'aquelle pobre coração de pae!

N'essa mesma noite, á meza da taberna, os freguezes da suéca commentavam a morte da rapariga.

— Morreu a criada do cozeiro; já sabes?

— Criada? Eu sei lá! Criada!?...

— Aquillo foi da pancada! Pois! Elle tinha maus figados! Aquella cara não enganava ninguém!

— Agora que vá acabar a obra: matou-a, enterre-a.

E com as faces congestionadas do vinho, os detractores riam despejadamente d'aquelle scena tão triste!

As dez horas da manhã, uma formosa manhã de primavera do dia immediato, rezou-se na igreja o officio. Não havia armações lutosas nem convidados. O sol entrava por uma fresta da janella da capella-mór e ia bater em cheio na cabeça da morta, aureolando-a como um resplendor divino. Terminados os responsos, quatro homens pobres, em mangas de camisa e descalços, desceram o caixão da ega e levaram-no para o cemiterio. Faltava o cozeiro. Foram chamal-o, que estava acocorado a um canto sobre o cembro de uma sepultura. Veiu muito pallido, transtornado de feições, a assobiar, com os olhos no chão; mas nem siquer lhe perguntaram se tinha pena da rapariga. Para quê? O abbae rezou os ultimos latins junto da campa, aspergiu o cadaver com agua benta, e retirou-se apressadamente para a sacristia seguido do acolyto. Fecharam a tampa do caixão, passaram-lhe uma corda em volta, e, upa! arriba! dois homens possantes balouçaram-no tres vezes e... pã! sacudiram-no ao fundo da cova.

— Agora você, sôr Joaquim — disse um d'elles ao cozeiro.

Elle, porém, com olhos fitos no fundo da valla, com os cabellos hirtos, não se mexeu.

— Então? — tornou o homem, sacudindo-o pelo hombro.

O Engrolla desatou a chorar, e depois a rir, a rir, a rir, e a querer atirar-se por força para dentro da sepultura.

Nunca mais ninguém o viu de dia.

E uma vez — alguém que seguia, altas horas da noite, por um atalho, que ficava junto da igreja, avistou um ho-

THEATRO DO GYMNASIO DRAMATICO



O ACTOR TABORDA, NO DRAMA «A POLICIA»

mem descalço, todo rôto, em mangas de camisa e em cabello, com as mãos agarradas ás grades de ferro do portão do cemiterio. Quando o passou rente d'elle, o homem sorriu-se; depois, tornou a olhar para dentro, com a cara

encostada ás grades, e a cantar com uma voz cavernosa, na melopèa arrastada do cantochoão:

Engrolla, Engrolla

e, entre cada verso, fazia uma pausa, para bradar com toda a força dos seus pulmões:

— O' Angelica!

Vae p'ra cova

— Angelica, anda comigo!

Seis vintens p'ra vinho

— Angelica! Estás ao frio, minha filha!

Vam'o-nos embora!

— Angelica! ó Angelica!

E quando eu ia já longe, a descer um outeiro, ouvia, de quando em quando, este grito, que se ampliava no êcho dos montes:

— An-ge-li-ca!

Pobre louco.

ALBERTO BRAGA.

BIBLIOGRAPHIA

HISTORIA DE PORTUGAL, VOL. V, por Eduardo Vidal, Edição da Empresa Litteraria de Lisboa, Rua Nova do Almada, 21. — Concluindo agora a publicação do 5.º volume d'esta obra, damos a pag. 21, com a reprodução d'uma das estampas que a illustram um specimen do que valem as gravuras d'este livro. O valor litterario da obra é escusado avantajal-o, sabendo-se que é collaborada por escriptores tão distinctos como Antonio Ennes, Bernardino Pinheiro, Eduardo Vidal, Gervasio Lobato, Luciano Cordeiro e Pinheiro Chagas.

O volume que temos presente devido á penna illustre do sr. Eduardo Vidal, abrange desde o reinado de D. João IV até D. José I. Aos amadores de bons livros e da boa leitura recommendamos pois a *Historia de Portugal* da EMPRESA LITTERARIA de Lisboa, como uma das obras mais notaveis que teem saído da imprensa portugueza, e especialmente das officinas da EMPRESA LITTERARIA em que é impressa.

A obra deve deitar, depois de concluida, seis volumes, ao preço de 2\$000 réis por cada volume, recebendo-se ainda assignaturas a fasciculos de tres folhas e uma estampa, por 100 réis cada fasciculo.

A irregularidade com que até hoje tem sahido as folhas da *Historia*, devida á natureza da sua collaboração especial, não obstante todos os esforços da empresa para a attenuar, não redundará certamente em prejuizo dos seus numerosos assignantes, por quanto a conclusão da obra está garantida pela seriedade da casa editora, do que dá testemunho a maneira por que a edição vae tocando o seu termo com geral agrado do publico.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Lafayette Frères, Typ. Lisboa

C. Rua do Theatro Velho 4.



MARROCOS — PRAÇA DE LARACHE

(Gravura extrahida do livro no prelo *Viagens em Marrocos*, de Ruy da Camara, edição de E. Chardron, Porto.)